

Terça-feira da Semana Santa

“Um de vós me entregará... Era noite”

A ceia de Betânia foi rica em símbolos de amor, de amizade, de festa..., um esbanjamento de humanidade. A ceia de hoje (em Jerusalém) é marcada por uma comoção profunda, onde Jesus se vê traído, vendido, enganado e abandonado por aqueles que juravam fidelidade e amizade profunda.

Jesus está celebrando a **última ceia** com os seus discípulos; tinha acabado de lavar os pés deles e de ter falado do dever de todos em lavar os pés uns dos outros. Judas já tinha tomado a trágica decisão e, depois de tomar o último pedaço de pão das mãos de Jesus, saiu para cumprir sua traição.

De fato, na contemplação da Última Ceia, um personagem vem sempre à nossa lembrança: **Judas Iscariotes**. Reagimos negativamente frente sua **traição** a Jesus, mas, no fundo, ele nos causa repulsa porque é projeção das nossas infidelidades e traições. Ele é o espelho no qual nos vemos.

Mas... o que vem a ser a **traição**? Como ela se manifesta na nossa vida? Por que traímos a confiança do outro? Por que traímos o amor de Deus por todos nós?

Judas ficou decepcionado com o chamado de Jesus. Tinha outros interesses e não conseguiu entrar em sintonia com o coração e o projeto do Mestre; ele destoa porque não captou que em torno a Jesus tudo é gratidão e gratuidade.

Judas aparece nos três relatos evangélicos destes dias (segunda, terça e quarta-feira), não como protagonista, mas como alguém deslocado, frio e insensível diante do drama que Jesus está vivendo; aliás, é ele mesmo que alimenta mais ainda o drama da dor e da perseguição imposta a Jesus.

Os evangelistas não deram muita importância à figura de Judas; na realidade, sentiam-se incomodados com ele e não aceitavam suas posturas e suas atitudes. No entanto, dada a importância do tema da **traição**, é Jesus quem intervém diretamente e des-vela as questões espinhosas que este discípulo carregava em seu coração. Há coisas que estão muito além do dinheiro: a delicadeza com as pessoas, os gestos de ternura e compaixão, o cuidado com os mais necessitados, o espírito gratuito de serviço...

A vida da comunidade cristã deve estar fundamentada nas atitudes oblativas e não nas conveniências do próprio “amor, querer e interesse”.

Na Última Ceia, que Jesus mesmo preparara com tanto cuidado, Judas só está fisicamente presente no ritual, mas seu coração está ausente, não consegue entrar no clima da refeição. Ele tem outras coisas para fazer e desaparece na noite, sem inteirar-se do sentido deste momento. Na verdade, ele está “vendido” a outros poderes; recebe promessas “de fora”, mas não se sente bem dentro da comunidade. Chegar à traição é só um passo.

O tema da CF deste ano – “Fraternidade e Ecologia integral” – vem denunciar a grande “traição” vivida pela humanidade inteira; recebemos do Criador a nobre missão de “cuidar e guardar” a Casa Comum; no entanto, traímos a confiança que Deus depositou em cada um de nós; traímos a Criação inteira porque nossa presença se revelou destruidora da grande rede de vida; traímos as pessoas porque a insensibilidade ecológica é expressão de nossa insensibilidade diante do outro, sobretudo o outro violentado e excluído.

Por trás da palavra “**traição**” se esconde o **drama** da existência humana. Esse drama mostra-se trágico, pois revela uma aparente situação insolúvel que dilacera o coração e estraçalha a esperança humana.

A experiência de traição é de desvio de rota, de frustração da própria vocação, experiência que nos desumaniza e nos faz viver uma existência vazia; com isso passamos a viver exilados, desterrados, solitários...

Nossa comunhão sagrada com a natureza, nossa fonte de vida e de significado, foi substituída por um profundo **desespero**. De fato, temos lavrado nosso próprio “**inferno**”.

Hoje constatamos as **chagas ecológicas** estampadas por toda parte e os próprios seres humanos deformados pela miséria e exclusão: buracos na camada de ozônio, mutações climáticas provocadas pelo efeito estufa, enchentes diluvianas, secas prolongadas e devastadoras, desertificação de imensas áreas, erosão de solos férteis, desaparecimento de florestas devido ao desmatamento e às chuvas ácidas, rios assoreados e poluídos devido ao esgoto doméstico e aos detritos industriais, ar irrespirável pela presença de monóxido de carbono e outros gases venenosos, poluição sonora e visual das grandes cidades, crescimento e acúmulo de lixo urbano e industrial, esgotamento das fontes de energia não renováveis e dos lençóis freáticos de água, extinção continuada e crescente de espécies vegetais e animais, pondo em risco a biodiversidade e o equilíbrio dos ecossistemas são pecados do nosso dia-a-dia...

O drama do ser humano é perder a memória de que é parte do **todo**: seu instinto de posse e domínio o leva a romper a relação cordial com todas as criaturas, caindo num devastador vazio existencial. A “centração em si mesmo”, sem levar em conta a rede de **relações** que o envolve, provoca a quebra da “**re-ligação**” com tudo e com todos. Este é o veneno que corrói o ser humano por dentro: petrificação de sua interioridade, a perda do gosto pela verdade, pelo belo e pelo bem, o extravio da ternura e da transcendência, a atrofia da comunhão com o todo cósmico...

Há muitas causas que nos fizeram chegar à atual crise ecológica. Mas é preciso chegar à última: a **traição** do ser humano que significa ruptura permanente da re-ligação básica que ele introduziu, alimentou e perpetuou com o conjunto do universo e com seu Criador.

Com sua traição, o ser humano rompe com a solidariedade natural entre todos os seres, contradiz o desígnio do Criador que o quis como co-criador e que, através de sua inteligência completasse a criação imperfeita. A salvação reside na re-ligação com todas as coisas. Não precisa necessariamente ser mais religioso, mas mais humilde, sentindo-se parte da natureza, mais responsável por sua sustentabilidade e mais cuidadoso com tudo o que faz. Ele precisa voltar à Terra da qual se exilou e sentir-se seu guardião e cuidador. Então será refeito o contrato natural. E, ao se abrir ao Criador, saciará sua fome e sede infinita e colherá como fruto a paz.

É preciso aprender da Mesa deixada por Jesus: ela pode ser lugar da traição ou lugar de novas relações. Jesus, o Homem do Cuidado e companheiro de mesa, nos convida a ser mesa de acolhida e de partilha, se quisermos ser seus amigos e amigas.

Ecologicamente falando, o relato da **última Ceia** nos indica várias lições:

Em primeiro lugar, ela expressa uma comunicação com a Terra da qual o pão e o vinho procedem. Comer e beber é entrar em comunhão com as energias e forças cósmicas; é receber a energia que renova a vida, regenera cada pessoa, que experimenta uma sensação de plenitude não só fisiológica, mas existencial, relacional, espiritual... A Terra e o Cosmos são, ao mesmo tempo, símbolos máximos de Vida, epifanias de uma Energia renovadora através do campo, de sua fertilidade, de seus frutos; através do sol, da lua com seus ciclos e estações, do mar... estamos conectados com o Transcendente e, portanto, com o religioso, inseparável do antropológico e do ecológico. Entramos em comunhão com toda a realidade cósmica, primeiro através da respiração, do banho nas águas, na recepção dos raios solares e, finalmente, no ato de comer.

Através desta união entre o cósmico, o humano e o divino, nasce a nova Criação; ela nos possibilita viver a ecologia integral redentora, ou seja, através do alimento há uma reconciliação entre o homem-mulher, a natureza e Deus. Há união, harmonia entre criação cósmico-humana e Criação. Há uma reconciliação pacificadora que é comunhão entre humanidade, cosmos e Deus.

Texto bíblico: Jo 13,21-33.36-38

Na oração: dê nomes às diferentes “traições” que podem se manifestar no cotidiano da vida: na relação com o Criador, com os outros, com a natureza...